



## O PAPEL DO ENSINO SUPERIOR NA EMPREGABILIDADE

---

Renata de Souza Guerra

---

Houve um tempo em que o diploma de curso superior era a garantia de emprego. Antes mesmo da conclusão do curso já se obtinha uma colocação no mercado de trabalho. E, supra-sumo desse mercado, conseguir um emprego no Banco do Brasil, garantia de uma aposentadoria tranqüila após trinta anos de serviço.

Além disso, uma vez concluído o curso superior e com o emprego garantido, bastava cumprir as tarefas durante os trinta anos de trabalho, em uma mesma empresa, e freqüentar eventuais cursos por ela patrocinados. Retornar à escola, apenas nas comemorações de formatura, e olhe lá. Hoje, porém, a situação é diferente. A começar pelo emprego no Banco do Brasil, ou mesmo pela manutenção da

condição estatal do banco, já questionada. Um diploma de nível superior, sozinho, não é mais garantia de emprego. As exigências para a empregabilidade vão muito além dele, embora sem ele as chances de se obter um emprego formal se tornem quase impossíveis.

---

*Um diploma de nível superior, sozinho, não é mais garantia de emprego.*

---

O diploma se tornou apenas um dos quesitos para se obter um emprego, embora agora o desempenho durante o período para obtê-lo também tenha um grande peso para conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

Várias empresas exigem o histórico profissional de um candidato a estagiário ou de um recém-graduado. Muitas exigem desempenho superior a 75% em todas as disciplinas. Assim, não basta ter obtido o diploma, é preciso tê-lo conseguido com ótimo desempenho.

Fluência em mais dois idiomas, conhecimentos de informática, capacidade de liderança, de trabalho em equipe e dinamismo são algumas das demais exigências do mercado para que um profissional possa garantir sua empregabilidade.

---

***Fluência em mais dois idiomas, conhecimentos de informática, capacidade de liderança, de trabalho em equipe e dinamismo são algumas das demais exigências do mercado.***

---

É aí que vem a grande questão: são as Instituições de Ensino Superior (IES) que devem fornecer todas essas competências ?

Existe uma grande pressão sobre as IES, tanto das empresas como dos alunos, para que elas supram todas as exigências do mercado, exigências essas que mudam a todo o instante. As IES são colocadas como a instância de formação profissional, a única responsável pela formação dos recursos humanos das empresas.

---

## ***São as Instituições de Ensino Superior (IES) que devem fornecer todas essas competências ?***

---

Infelizmente, no Brasil, essa visão das IES é amplamente aceita. É comum encontrar nos jornais e nas revistas especializadas reportagens e artigos em que as empresas afirmam que as IES não estão formando o profissional que elas precisam. Desejam receber um profissional sem experiência de trabalho (somente estágios durante o curso superior), mas que possa desempenhar suas funções como se já tivesse muita experiência e conhecesse bastante da empresa que acaba de contratá-lo.

Os alunos, por sua vez, procuram uma IES para, ao final de quatro ou cinco anos, obter um emprego. Ora, a maioria dos alunos só estuda por pressão do mercado de trabalho. Se não fosse preciso, talvez não o fizessem. E, quando o fazem, estudam o suficiente para passar de ano, e esperam que a IES identifique as necessidades do mercado e os capacite para o mesmo, preferencialmente por osmose. Se o mercado exige fluência em dois idiomas, que incluam no currículo inglês e espanhol. Curso completo, não só noções e conhecimentos básicos. O profissional precisa conhecer informática? A IES tem de

me ensinar tudo o de mais moderno. E por aí vai. Ambas as partes apresentam uma postura passiva diante da questão da formação profissional. E as IES se debatem sobre a melhor forma de suprir todas as exigências.

Parece-me que, embora a questão da empregabilidade tenha evoluído bastante, não evoluiu da mesma forma a discussão de um modelo de preparação dos jovens para o mercado de trabalho. Continuamos com a mesma percepção de que isso é problema das IES, é delas a responsabilidade pela formação do profissional.

---

***Embora a questão da empregabilidade tenha evoluído bastante, não evoluiu da mesma forma a discussão de um modelo de preparação dos jovens para o mercado de trabalho.***

---

Aí retomamos a questão: é função das IES fornecer toda a qualificação profissional? A função primordial de uma IES é fornecer uma parte da qualificação hoje exigida para garantir a empregabilidade das pessoas. É uma parte fundamental, mas não corresponde nem deve corresponder à totalidade das qualificações dos profissionais de hoje.

As IES devem fornecer uma base

sólida de conhecimentos na área do saber escolhida pelo aluno, ajudá-lo a desenvolver um pensamento crítico e capacitá-lo para tomar decisões e proceder a escolhas na profissão.

---

***Mas é um engano pensar que as IES devem treinar um aluno. Treinamento é diferente de formação profissional.***

---

Mas é um engano pensar que as IES devem treinar um aluno. Treinamento é diferente de formação profissional. Logicamente, os ensinamentos da Universidade devem ter aplicabilidade, ou seja, devem estar direcionados à realidade, especialmente no que tange às Ciências Gerenciais. Porém, não é função das IES treinar os alunos, capacitá-los operacionalmente para a função a ser exercida. Isto seria impossível, uma vez que existem milhões de empresas, utilizando as mais diversas tecnologias, hardwares, softwares e processos.

As empresas precisam reconhecer que são elas que têm que fornecer treinamento para seus profissionais, o que complementar a sua formação acadêmica. Na Alemanha, o treinamento profissional é oferecido pelas empresas e pelo governo, numa parceria que complementa, com aulas de conhecimento geral e treinamento nas empresas, a formação dada pelas escolas técnicas e posteriormente pelas IES.

Porém, as empresas preferem transferir a responsabilidade do treinamento profissional para as IES que, por sua vez, têm aceitado passivamente essa responsabilidade. Tal visão, além de equivocada, causa sérios danos às IES, uma vez que as força a mudar continuamente seus conteúdos e práticas de aprendizado, afastando-se de sua função primordial.

Além disso, cabe questionar se, em tempo de exigências cada vez maiores e mais sofisticadas, as IES são as instituições mais adequadas para fornecer aos alunos todas as condições de atendê-las. Será que elas possuem todas as competências para isso? E, o mais importante, elas realmente têm que desenvolver/possuir todas as competências?

Esse questionamento passa inclusive por uma visão mais humilde das IES, para aceitar que seu papel na formação do profissional hoje não é o único. Continua sendo o mais importante, mas não o único. As IES precisam entender que não podem e não têm que aceitar todas as imposições do mercado. Enquanto despense enormes esforços, tempo e recursos para tentar atender a essas imposições, escapa da discussão realmente importante, que é o seu papel hoje na empregabilidade.

Está na hora de deixar o orgulho de lado, discutir até onde vai a sua responsabilidade e cobrar das demais

instituições da sociedade que façam sua parte.

A começar pelos próprios alunos. Eles são os maiores interessados, mas as IES não os conscientizam de suas próprias responsabilidades no processo de criação de competências para o atendimento das exigências do mercado.

Eles transferem para as IES a responsabilidade pelas competências que precisam desenvolver, esperando passivamente que elas venham atendê-los. Nem sequer questionam seu próprio papel nesse processo. Cobram das IES curso de inglês gratuito, quando já deveriam ter desenvolvido essa habilidade antes mesmo de entrar na Universidade. Além disso, excetuando os cursos de Letras, serão as IES as melhores escolas de idiomas? O mesmo acontece com a informática. Esperam sair das IES absolutamente "feras" em computadores, dominando todas as tecnologias. Novamente, à exceção dos cursos de STPD e Ciência da Computação, os alunos devem buscar essa habilidade por sua própria iniciativa e em outras instituições.

Porém, a visão dos alunos hoje é que, caso a faculdade em que estudem não lhes der toda a formação de que precisam, eles também não precisam buscar por ela. Culpam a sua faculdade pela falha na sua formação

e vão buscar outra IES para tentar resolver o problema.

Está na hora de os alunos perceberem que são os principais responsáveis por sua formação. Não basta escolher o curso, passar no vestibular e deixar que as IES se encarreguem do resto. Nenhuma IES vai resolver o problema de um aluno que não redige corretamente ou cujo inglês ainda é deficiente. Ele mesmo precisa buscar seu conhecimento. Os professores indicam muita leitura para o primeiro caso, mas o aluno nem sequer visita a biblioteca da instituição. Acha que literatura era matéria de 2º grau, na faculdade não precisa mais ler romances. Ele também não procura um bom curso de inglês, pois acha que é a faculdade que tem que lhe dar.

---

***Está na hora de os alunos perceberem que são os principais responsáveis por sua formação.***

---

No que tange às habilidades pessoais, a questão se torna ainda mais complexa. O aluno cobra das IES o seu desenvolvimento, mas não quer participar de nenhuma atividade extraclasse. Nem sequer faz seus trabalhos em grupo, preferindo pedir para colocar seu nome no trabalho de um aluno "caxias". Não se preocupa em desenvolver outras habilidades, como liderança, empenhamento,

dinamismo, conhecimentos gerais, etc., porque dá trabalho, exige mais do que assistir às aulas, que ela já acha demais. Ele não se dá ao "trabalho" de ler as revistas especializadas de sua área.

É óbvio que, embora as IES possam disponibilizar condições para o desenvolvimento das habilidades pessoais, nada poderão fazer se seus alunos não quiserem assumir sua parte nesse processo. E a maior parte dos alunos não quer. Esperam passivamente que alguém, no caso as IES, faça por eles.

O mais triste é continuar responsabilizando as IES pela formação da competência profissional do país, pois, por mais competentes e bem-intencionadas que sejam, não fazem milagres. Não podem resolver todos os problemas. E, ainda que pudessem, não deveriam fazê-lo, sob pena de não permitirem que as demais partes assumam suas responsabilidades.

---

**Renata de Souza Guerra é administradora, pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior e mestranda em Engenharia de Produção na UFMG. É professora da FACE-FUMEC, onde integra o Grupo de Qualidade Total e coordena o Departamento de Administração de Materiais e da Produção.**

E-mail: [rguerra@fumec.com.br](mailto:rguerra@fumec.com.br)

---